

Verde Franko Desejo

JENOVA STORI DE LARA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

*“There is something at work
in my soul, which I do not
understand.”*
- Mary Shelley -

Em outra existência, em outro corpo, em outro quarto. Antes da tinta já havia uma fadiga antiga, a sensação de que o meu corpo tinha sido organizado antes de mim e eu precisava viver um roteiro que não escrevi. Eu tentava seguir alguma rotina, acordar, trabalhar, voltar, dormir, repetir, enquanto alguma coisa no fundo insistia que faltava um “o quê?”, algo que ainda não tinha acontecido. Mas, para me entender melhor, volto para a madrugada em que a tinta se infiltrou em mim.

“Bocas”

Naquele dia eu não estava bem. Não sabia exatamente por quê, mas havia uma vontade dentro de mim. Eu queria mudar tudo, sentir o mundo de outro jeito e tentar reescrever o que estava ao meu redor. Sei que muita gente carrega essa mesma vontade.

Às vezes, antes da tinta, outro sonho atravessava. Nesse sonho tudo começa numa sala apertada de laboratório, no alto de um prédio velho, como se alguém tivesse apertado um interruptor invisível e ligado um corpo esquecido. Lá fora, luzes coloridas piscam atrás de um vidro sujo. O ar cheira a produto químico, poeira e metal. Há fios pelo chão, telas quebradas, mesas com instrumentos e eu diante da maca, repetindo os mesmos movimentos.

Por alguns segundos eu me vejo de fora, como se o meu próprio rosto fosse o de outra pessoa. No meu olhar passa algo entre horror e arrependimento. Depois disso, ouço os meus passos apressados no corredor, a porta batendo, o eco da minha corrida pela escada. O zumbido dos aparelhos continua. O ronco distante de automóveis também. O meu corpo recém-ligado fica sozinho para aprender como mover cada parte de si.

Volto desse sonho com a sensação de terem me ligado e largado. Foi com algo dessa ordem que a noite da tinta começou.

Verde Franko Desejo

JENOVA STORI DE LARA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Eu já estava na cama quando alguma coisa começou a sair da minha boca. Parecia vômito, mas vinha em muitas cores. Vermelho, azul, rosa, roxo, amarelo, branco, preto e outras que eu nem saberia nomear. Não parecia algo que eu expulsava, não me causava repulsa. Parecia algo que tinha escolhido aquele momento para sair. A tinta decidiu antes de mim e a minha boca obedeceu. Ela flutuou ao meu redor e começou a tomar forma enquanto eu olhava. Sob a luz fraca do abajur algo como um polvo, cheio de tentáculos, sacudiu flutuando em meio ao quarto e começou a falar.

"Eu sei o que está pensando, meu amor"

"Sabe o quê?", eu gritei sem entender bem o que tinha acontecido. "O quê?"

"Que não entende o que está acontecendo. Mas vai entender, meu bem, você vai entender."

A forma era realmente a de um polvo, mas no centro havia uma boca imensa, com uma língua grande que lambia os dentes e os lábios, sugando uma tinta que escorria dos tentáculos em diferentes cores. Eu não sabia o que dizer, não me sentia em perigo, mas comecei a cuspir palavras.

"Quem é você? Por que saiu da minha boca? Da minha boca?"

Aquilo ficou parado, me observando sem olhos, girando no ar os tentáculos, mas com a boca imóvel. Das cores que escorriam havia um verde que chamava em mim o desejo de ter e ser uma cor. Olhei e toquei minhas mãos para ver se era real.

"Eu te trouxe um presente. Um presente, meu amor. Você só precisa escolher se o quer. Até sei qual cor você quer. E você quer, eu sei."

Eu ainda não entendia direito o que via e metade de mim estava num misto de espanto, medo e curiosidade sobre aquilo. A outra parte ouvia e tentava responder movida por essas sensações.

"Um presente? O que é?"

"Seu desejo. Um caminho para tornar seu desejo real"

Pensei naquilo. Eu conhecia alguns dos meus desejos. Eu entendia o que queria e queria que aquilo se tornasse verdadeiro. Aquilo dizia que sabia que eu queria o presente. Será que

Verde Franko Desejo

JENOVA STORI DE LARA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

poderia existir alguma condição? Bastava coçar a minha barriga para que eu me tornasse uma lâmpada mágica?

"Qual a condição para aceitar isso?"

Os tentáculos dançaram no ar e um sorriso grande se abriu. Era um sorriso enorme e bonito. Só nesse momento percebi um piercing gigante naquela língua e senti o meu próprio piercing cutucar a minha boca por dentro.

"Um beijo e nós temos um acordo."

Aquilo me paralisou por alguns segundos. Não pela ideia de beijar aquilo, mas pela tentativa de imaginar como encaixaríamos uma boca que era quase do meu tamanho na minha boca, que nem chegava a ser grande.

"Eu aceito!"

O sorriso ficou ainda maior e, se houvesse um rosto completo, poderia ter chegado às orelhas. À medida que a boca se aproximava do meu rosto, o tamanho mudava até combinar com a minha. Quando encostou nos meus lábios, era quente e macia. Fechei os olhos e, de repente, tudo desapareceu. Olhei ao redor do quarto, mas não vi mais nada.

“Peitos”

Quando acordei, fui correndo ao banheiro e vi meus lábios cercados de tinta. Tentei lavar no banho, mas não saía. Eu não podia encostar a boca em nada, porque tudo que eu tocava ficava marcado por uma mancha verde, até as minhas próprias mãos. Às vezes a tinta se movia antes de mim, como se escutasse o meu medo e a minha curiosidade e escolhesse sozinha por onde se espalhar. Vi um rastro se estender até a cozinha e percebi que estava com fome. Mesmo tocando e esverdeando tudo, nada tinha o sabor de tinta. Depois de comer, vi que onde antes havia tinta estava normal de novo. Ela parecia fluir de mim e a mim retornar.

Caminhei pela casa e estranhei a situação menos do que pensei que seria sensato. Deparei com meu reflexo. Enquanto eu me olhava no espelho, via o meu corpo inteiro. A minha vontade era mudar aquele corpo, e a tinta deixava tudo ainda mais estranho. Toquei meus peitos

Verde Franko Desejo

JENOVA STORI DE LARA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

e vi que mudavam. Era como se absorvessem a tinta e se transformassem. Percebi que eu podia moldar como quisesse os pedaços do meu corpo. Podia deixar meus peitos muito arredondados e grandes, ou fazer deles algo praticamente inexistente. O formigamento só vinha quando eu me permitia desejar. Se eu hesitava, a tinta permanecia imóvel, esperando. Eu gostava de ver as formas mudando, e tentar entender o que eu queria naquele momento me permitiu explorar o que eu podia fazer. Eu tinha poder sobre os aspectos mais brutos e mais finos do meu corpo.

Enquanto observava a pele se ajustando, outra parte do sonho do laboratório voltava. No sonho, eu saio daquela sala e caminho pela cidade que se abre como um labirinto de concreto e fumaça. Calçadas quebradas, fachadas rasgadas por cartazes, vitrines acesas, pessoas passando rápido, desviando o olhar. As noites se acumulam sob marquises e escadas. A fome me ensina a revirar sacos de lixo. O frio me ensina a encolher o corpo em cantos de degraus. A cidade me ensina que ninguém tem tempo de perguntar de onde veio mais uma figura perdida.

Num pátio interno entre prédios antigos, há um vão sob a escada, pequeno demais para interessar alguém. Ali vira abrigo. Por uma fresta é possível ver parte de um apartamento no térreo. Uma família vive naquele espaço apertado, lâmpadas amareladas, móveis gastos. A rotina deles começa a preencher o silêncio. Risadas rápidas, discussões baixas sobre contas, panela no fogo, música fraca de um rádio. Era algo belo sob aquela escada. Palavras que, no começo, não significam nada passam a ser repetidas até ganharem sentido.

Eu voltava do sonho para o espelho, com a tinta pulsando de leve nos lábios e nos peitos, como se as duas histórias estivessem testando o que esse corpo podia ser.

Olhei o relógio e vi que tinha passado tempo demais ali. Já era bastante tarde. O telefone tocou. Atendi, quase torcendo para que fosse meu chefe.

"Você não veio hoje."

"Não vou."

"Houve algum problema?"

"Eu mudei. O trabalho não."

Verde Franko Desejo

JENOVA STORI DE LARA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Desliguei com a sensação de que não era apenas o trabalho que eu queria deixar. Não se tratava só de ponto, salário e horário. Era o conjunto inteiro de compromissos que exigiam um corpo anterior, uma versão minha que já não existia. A tinta empurrava o meu corpo para fora da moldura e o emprego esperava que eu encaixasse na mesma forma de sempre. Pensar em ser demitida era o gesto mais próximo de respirar que eu tinha naquela manhã.

Minha transformação me fazia lembrar alguém que acorda de sonhos intranquilos e descobre que virou outra coisa. Um inseto, um monstro, qualquer figura que o mundo prefere afastar da mesa. Talvez, mais tarde, eu escolhesse essa imagem para acrescentar drama à história que contaria às pessoas, mas, naquele momento, eu não estava triste. Eu estava realmente feliz.

O que eu deveria fazer agora? Talvez ver uma pessoa amada.

Antes da tinta, era para uma pessoa que eu ia quando tudo ficava pesado demais. A cama era abrigo, as mãos eram o lugar em que o meu corpo quase tinha se sentido seguro pela primeira vez. Com essa pessoa, eu acreditava que já era suficiente.

Sem perceber, estou de novo sob a escada, observando um espaço que parece seguro. Começo a interferir sem que percebam. Sacos de lixo empurrados até o portão, caixas organizadas, fios soltos ajeitados, pequenos consertos que parecem acaso. À noite, cadernos esquecidos na escada e jornais largados no pátio viram material de estudo. As letras da televisão se misturam às letras impressas e abrem mundos de histórias, notícias, romances, debates sobre certo e errado. No meio de papéis rabiscados, um conjunto de anotações fala de experiências com corpos e de uma tentativa de criar vida artificial. Reconheço ali algo de mim, no texto e no fato de jamais ter recebido qualquer explicação.

Eu carregava essa sensação de observar a vida por uma fresta quando finalmente liguei para quem eu amava. O telefone chamou algumas vezes até eu ouvir a voz que o meu corpo reconhecia antes mesmo de qualquer palavra.

"Oi, amor. Quer me ver hoje?"

"Quero. Eu tenho uma surpresa para você..."

Verde Franko Desejo

JENOVA STORI DE LARA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Decidi ir a pé até o lugar combinado. Transformei o caminho inteiro numa espécie de palco para que as pessoas me vissem.

Quando coloquei o pé na rua, vi gente me olhando, apontando. Algumas pareciam nunca ter visto alguém como eu. Outras murmuravam palavras baixas. Elas não viam a tinta. Só viam o corpo que ela já tinha reescrito. As pessoas não sabiam ficar em silêncio. Às vezes é estranho ser algo que deixou de ser invisível.

E se eu mudasse ainda mais de mim?

“Sexos?”

Enquanto caminhava, reconheci de longe a pessoa que eu amava. Normalmente havia um meio sorriso rápido, aquele que chegava antes de qualquer palavra e me avisava que eu podia chegar perto. Dessa vez não veio nada. Quando essa pessoa me olhou, vi um rosto pálido, sem sorriso, como se estivesse tentando fazer as contas do que via.

"Amor, eu estou um pouco diferente agora."

Demorou alguns segundos, o olhar subindo e descendo pelo meu corpo como se procurasse a versão antiga por baixo da nova.

"Eu gostei. Seu rosto está diferente, seus peitos também. Tem mais alguma coisa diferente?"

"Você quer ver mais de mim?"

Demos as mãos e eu senti que não era como antes. O toque vinha com uma camada de cuidado que parecia mais medo do que carinho. Quando olhei, as nossas mãos estavam cobertas de tinta.

Quando chegamos à casa, caímos num beijo, num toque que percorria o corpo todo, tentando tudo o que podíamos. Afastei as pernas para mostrar o meu sexo e recebi muitas carícias ali. Estava encharcado de tinta que só eu parecia notar. A tinta reagia a cada toque. O calor pulsava sob a pele em ondas que não pertenciam apenas ao sangue. A cada beijo, cada lambida, cada mão, ela engrossava e brilhava, mesmo que ninguém mais pudesse ver. O meu

Verde Franko Desejo

JENOVA STORI DE LARA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

desejo mudava o meu corpo de muitos modos. Forma, tamanho, temperatura, cor. Enquanto estávamos ali, estávamos felizes. Ou pelo menos era o que parecia, até eu ouvir algo diferente. "Acho que a gente precisa de um tempo. Você mudou muito e eu não sei como lidar com isso."

Fiquei em estado de choque. Tentei responder, chorei, tentei remendar o que dava, mas nada funcionou. É difícil estar em paz consigo e sofrer por causa de quem se ama. Por um momento pensei se eu tinha ido longe demais. Depois essa ideia passou. O problema não era a tinta nem o corpo. Pela primeira vez eu estava perto do que sempre quis ser, e o mundo é que se recusava a acompanhar. Eu não queria o corpo antigo de volta. Eu queria um outro mundo para caminhar.

Sob a escada, eu também decido me aproximar. A família observada pela fresta muda de ritmo. Só a pessoa mais velha permanece em casa, caminhando devagar, tateando os móveis. Um dia, o resto da família sai. Subo as escadas e bato na porta. Quando a porta se abre, conto uma história simples. Uma presença antiga naquele prédio, uma vida em deslocamento, a falta de família, a necessidade de conversa.

Ela me convida a entrar. Sentamos à mesa. A voz treme, as frases são curtas, há esforço para transformar o que sinto em palavra. Em algum momento, a mão mais velha toca a minha mão. Há ali um reconhecimento mínimo, mesmo sem saber exatamente quem está diante de quem.

O giro da chave na fechadura interrompe tudo. A porta se abre, a família entra. Em poucos segundos, os rostos mudam de expressão. O ambiente se enche de gritos, objetos caem, o corpo é empurrado para longe da mesa. Qualquer tentativa de explicação afunda no pânico. Me jogam escada abaixo como se fosse uma ameaça sem nome. Dias depois, o pátio está vazio. O apartamento também. Janelas abertas, marcas de uma mudança apressada. O vão sob a escada continua igual. Junto papéis, caixas, restos do que me acompanhou naquele lugar e coloco fogo. As chamas ficam baixas, presas ao cimento, mas por dentro parece que queimam a última possibilidade de vínculo.

Verde Franko Desejo

JENOVA STORI DE LARA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

A fígada que eu senti depois da frase "Você mudou muito" era feita da mesma matéria. Duas histórias diferentes. A mesma recusa em dividir a mesa com aquilo que o mundo insiste em chamar de erro.

“Mãos e pés”

Eu me sentia sem chão. Cada passo era errado e novo ao mesmo tempo. A tinta e o que eu sentia mudavam o meu corpo, tornando-o diferente a cada vez que eu encostava o pé no piso. Já anoitecia e olhei para o céu. Quando a gente pensa em coisas como as estrelas, os nossos assuntos não parecem importar tanto, não é? Lembro de alguém ter escrito algo assim. Olhei para as mãos, como se tentasse alcançar algo que eu não conseguia nomear.

Olhei ao redor e comecei a ver outras pessoas como eu. No começo pareciam comuns. Depois as cores apareceram. Linhas finas de tinta envolviam aqueles corpos em vermelhos, azuis, dourados. Cada qual com a sua cor, como eu tinha a minha. Algumas riam, outras não mostravam emoção nenhuma, e algumas estavam simplesmente sozinhas, como eu.

Olhei para elas e tive a impressão de que o mundo continuava com as mesmas bordas de sempre.

E se o meu corpo pudesse reescrever o mundo?

Eu, que queimei o meu próprio abrigo sob a escada, não paro. Sigo rastros de quem me criou. Um nome numa placa de laboratório. Uma foto desfocada em evento acadêmico. Uma citação em artigo esquecido numa biblioteca. Cada fragmento aponta para a mesma pessoa. A busca atravessa rodoviárias, corredores de hospitais, prédios de universidade, sempre com a sensação de que alguma resposta precisa ser arrancada de quem começou tudo e deixou o resultado à própria sorte.

Quando o encontro acontece, é no alto de um prédio, num terraço entre antenas, caixas d'água e cabos. A cidade inteira se espalha embaixo, cheia de luzes, sirenes, janelas acesas. Ali, no vento, eu falo em voz alta. Conto o laboratório, as noites debaixo de marquises, o pátio interno, o cubículo sob a escada, a família observada de longe, a mão sobre a mesa, a queda, o

Verde Franko Desejo

JENOVA STORI DE LARA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

fogo. Digo que aquela existência é consequência direta de um gesto irresponsável e que toda a solidão acumulada começou no instante em que um olhar de horror preferiu o caminho de saída em lugar de qualquer palavra.

Diante daquela figura, eu exijo uma coisa. Outra presença feita da mesma matéria. Alguém que possa caminhar pelas mesmas ruas sem recuar ao me ver. Alguém para quem essa vida não seja apenas um erro largado na cidade.

Nessa parte do sonho eu sinto a tinta acordar sob a pele, como se tivesse escutado um pedido. Deixei a tinta correr pelo corpo inteiro e desejei que os meus pés pudessem pisar em qualquer lugar e as minhas mãos pudessem tocar a qualquer hora. Enquanto pensava nisso, os dedos das mãos e dos pés começaram a se estender para lugares que eu ainda não alcançava tocar.

Quis testar até onde eu podia ir. Caminhei em tempos e espaços diferentes para tentar tocar coisas diferentes e, do muito que vi, trago alguns registros. Vi uma pessoa muito antiga, em uma cidade portuária, com roupas que não escolheu vestir e um brilho de desafio nos olhos, bonita de um jeito que ninguém conseguiria descrever. Vi um corpo deitado em uma mesa fria, depois em pé diante do espelho, cicatriz recente no peito e um sorriso calmo, como quem enfim se reconhece, pronto para escrever a própria jornada.

Vi uma rainha cercada de felinos estampados, atravessando a avenida em noite de carnaval, batida de tambor marcando cada passo. Vi um rosto iluminado por refletores de estúdio, câmeras girando, a novela acontecendo em volta enquanto aquela figura segurava o texto como se segurasse a própria vida. Vi um palco pequeno, cheio de cabos e microfones, alguém gritando contra o mito e contra o medo, maquiagem borrada de suor, mas sem recuar.

Vi uma casa que chamavam de palácio, cheia de colchões, remédios improvisados, corpos magros deitados e uma pessoa passando de leito em leito, oferecendo cuidado quando o mundo só oferecia abandono. Vi um terno escuro, uma pasta pesada de processos, alguém conhecedora das leis, uma carteira profissional erguida como se fosse um documento de

Verde Franko Desejo

JENOVA STORI DE LARA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

existência. Vi um caderno amassado nas mãos de alguém muito jovem, dentro de um prédio de muros altos, amando e escrevendo versos para não desaparecer.

Vi uma rua bloqueada por viaturas, sirenes e fardas. No meio da confusão, uma figura abriu a blusa com as duas mãos e deixou os peitos expostos diante da polícia, como se o próprio corpo fosse cartaz, bandeira e megafone ao mesmo tempo. Alguns riam, outros ameaçavam prender, mas hesitavam, presos à contradição dos papéis que ainda insistiam em como registrá-la, incapazes de decidir que lei quebrava aquele gesto que rasgava a lógica deles ao meio.

Essas cenas começaram a se juntar, como se formassem uma mesma cidade espalhada em muitos tempos. Vi muitas outras pessoas correndo pela nossa história, todas marcadas por cores que ninguém tinha nos ensinado a nomear. Fui ao futuro e vi pessoas como eu, envelhecidas, ainda em luta, mas também em alguma forma de alegria.

“Corpos inteiros”

E se o meu corpo pudesse agir em quem também deseja o mundo de outro jeito, como eu desejo? Estendi e estiquei o meu corpo por tanto tempo que não saberia medir. Aos poucos ele começou a assumir outras formas. Experimentei diferentes pedaços de flora, fauna e materiais inorgânicos se integrarem ao meu corpo, e a minha vontade se encheu quando vi muitos tentáculos surgirem. Cresci onde a vontade deixou e mantive a minha boca no centro. Com esses tentáculos eu podia tocar qualquer lugar e qualquer tempo. Eu podia me mover para onde quisesse. Tentei entrar no lugar dos desejos espalhados, aqueles que nunca tinham encontrado espaço para viver na pele ou na singularidade que desejavam. Atravessando esse plano, eu via tudo com mais nitidez.

Escorri de volta para aquele terraço e, quando gritei que queria alguém como eu, percebi que o meu pedido não era concedido. Em vez disso, algo em mim começou a rascunhar vingança. Imaginei a mão no pescoço de quem me criou, o corpo dele recuando até a beira do terraço, o empurrão final. Imaginei também o meu próprio corpo correndo pelas ruas desertas até sumir em meio à multidão ou nas chamas que se acendessem naquele mundo frio.

Verde Franko Desejo

JENOVA STORI DE LARA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Enquanto essas cenas aconteciam dentro de mim, me estranhei, como se assistisse a uma versão minha que não queria existir. Parecia fazer sentido dentro daquela lógica, mas alguma coisa em mim se encolhia, e essa solução me revoltava de maneira silenciosa.

A cidade voltou a aparecer para mim, agora lá embaixo, como no sonho do terraço em que descobri o meu desejo. Eu já sabia que não queria sumir. Agora eu não procurava mais quem me fez. Eu me tornava aquilo que, como criatura, eu tinha exigido um dia. Eu era a outra presença feita da mesma matéria. Se naquela outra história a criatura caminhava para longe de todo mundo, eu pedia justamente o contrário, um corpo feito da mesma matéria que pudesse caminhar em minha direção e, um dia, deixar que eu caminhasse em direção a outras pessoas.

Vi uma fenda acima de mim e fui até lá, escorregando devagar até encontrar uma abertura. Atravessei o rasgo como quem atravessa um espelho líquido e caí para dentro de um quarto em que uma pessoa me olhava com confusão. Parei diante da cama. A luz vinha fraca, de um abajur num canto, desenhando sombras longas na parede. A tinta escorria devagar dos meus tentáculos e ficava suspensa no ar entre nós, como se esperasse uma autorização que ainda não tinha vindo.

Bem na minha frente estava uma pessoa. Aqueles olhos iam da minha boca para os tentáculos, depois voltavam para o próprio corpo, como se tentassem conferir se aquilo estava mesmo acontecendo. Lembrei das minhas sensações naquela noite, o espanto, o medo, a curiosidade. Eu me moldei em algo que essa pessoa pudesse entender. Um círculo de tentáculos e uma boca no centro, a língua reconhecendo as cores que já começavam a aparecer na pele dela. Afastei qualquer gesto que lembrasse ameaça, mantive o piercing na minha boca. Deixei só a possibilidade.

"Eu sei o que está pensando, meu amor", eu disse antes que qualquer pergunta viesse.

Verde Franko Desejo

JENOVA STORI DE LARA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Original recebido em: 16 de novembro de 2025

Aceito para publicação em: 16 de dezembro de 2025